

ESTILÍSTICA (COGNITIVA) COMPARADA NO CURRÍCULO DISCIPLINAR DO CURSO DE TRADUÇÃO ESPECIALIZADA DO ISCAP

Joana Fernandes

Imagine que, em 1973, alguém dizia: “Vou meter o CD-ROM no PC”. Ninguém perceberia, salvo eventualmente um funcionário mais escrupuloso da PIDE, que tentaria prender imediatamente o autor da frase e... o tal CD-ROM. Pois é, em 25 anos, muitas palavras apareceram e, o mais curioso, é que a maioria delas não quer dizer o que parece. (*Expresso*, 10/01/98)

1. O intérprete do caos

A linguagem é, ou deverá ser, um tema infinitamente fascinante para qualquer tradutor, mas, se, nessa viagem interlinguística que é a tradução, o ponto de chegada for a língua portuguesa, ao fascínio haverá que juntar alguma angústia e ansiedade face às numerosas lacunas lexicais, provenientes do desfazamento entre a recente explosão de tecnolectos de origem anglo-saxónica e o conservadorismo linguístico que caracteriza a nossa língua. Perante o cenário em epígrafe, ao tradutor português não restará outro recurso senão tornar-se um *intérprete do caos*¹.

No quadro de Estudos de Tradução, tem sido advogado que o texto literário, por força da sua polivalência significativa, requer maior grau de proficiência e criatividade ao tradutor do que qualquer outro tipo de texto. Todavia, o estado de coisas da língua portuguesa, no limiar do terceiro milénio (a afluência de estrangeirismos, a proliferação de modelos metafóricos nas ciências e nas tecnologias, a subversão da sintaxe tradicional, entre outras mutações), trouxe, tanto para a língua comum, como para a(s) língua(s) técnica(s), uma visível heterogeneidade discursiva que há duas décadas atrás não existia. Por isso, do perfil do tradutor especializado de hoje deverão fazer parte, mais do que nunca, uma capacidade criativa e uma sensibilidade semântica e pragmática, que só a observação permanente e obsessiva dos usos linguísticos pode estimular.

Mediante o cenário exposto, as instituições que formam tradutores e os docentes que nelas leccionam deverão proporcionar ao aluno um *curriculum* orientado para uma prática tradutiva consonante com a oferta de trabalho no mercado português e europeu, sem, todavia, esquecer a relevância de disciplinas teóricas e teórico-práticas, onde haja espaço para a reflexão inter e intra-linguística e inter e intracultural.

No Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, o primeiro ano da licenciatura do curso de Tradução Especializada² tem como espinha dorsal quatro disciplinas onde o processo translatório é directamente exercitado³: uma delas inscreve-se no domínio da linguagem literária e poética (Tradução de Textos Literários) e as restantes três pressupõem, como base de trabalho, textos em linguagem dita técnica ou instrumental (Tradução de Textos Técnicos e Científicos, Tradução de Textos Jurídicos e Tradução de Textos Económicos). Integram também o *curriculum* disciplinas de índole teórica e teórico-prática, tais como: Vida Política e Relações Internacionais, Direito Internacional Público e Europeu, Teoria e Metodologia da Tradução, Literatura, Linguística e Estilística Comparada⁴.

Esta divisão mais ou menos equitativa entre disciplinas eminentemente práticas (orientadas para um ‘saber fazer’) e disciplinas teóricas e teórico-práticas (orientadas para um ‘reflectir sobre como fazer’), visa a consecução do objectivo primordial do curso: proporcionar aos alunos a aquisição de uma competência tradutiva (especializada). Tal competência incorpora inúmeras componentes, que *grosso modo* pressupõem: domínio dos subsistemas gramatical, lexical, pragmático e estilístico da língua materna e das línguas estrangeiras-alvo, conhecimento profundo das áreas de especialização: capacidade de investigação, versatilidade, celeridade, domínio de ferramentas informáticas, e, inevitavelmente, confidencialidade e capacidade de cumprimento de prazos.

Enquanto responsáveis pela leccionação de uma das disciplinas orientadas para a reflexão sobre ‘como fazer’ (Estilística Comparada-Língua Inglesa), propomo-nos ponderar o seu contributo para a aquisição e/ou consolidação da referida competência. Discutiremos as cinco linhas centrais que norteiam o nosso programa, ao longo de um semestre: (1) contraste interlinguístico, (2) estética vs funcionalidade, (3) língua comum e língua técnica (4) figuras e cognição e (5) heterogeneidade na(s) língua(s) e no(s) discurso(s).

2. Contraste interlinguístico

Antes de nos determos sobre a primeira das linhas supra-referidas, torna-se necessário *desambiguar* o adjectivo “comparada”, dado este permitir pelo menos duas leituras, reportando-se uma delas ao estudo contrastivo interlinguístico do(s) código(s) estilísticos (vigentes em dois sistemas linguísticos), e outra ao estudo contrastivo intralinguístico: observação das variações de registo subjacentes às várias tipologias textuais (texto literário vs texto técnico, por exemplo). A nossa abordagem didáctica articula as duas acepções: privilegamos a análise contrastiva interlinguística, pela importância que desempenha na actividade cognitiva do tradutor em formação, não deixando, contudo, de investigar a variação intralinguística.

A incidência sobre um estudo contrastivo interlinguístico facultará ao aluno a aquisição/desenvolvimento de princípios analíticos (uma parte intrínseca da competência tradutiva). E, partindo do pressuposto de que estamos a lidar, maioritariamente, com *iniciados* na prática tradutiva, a nossa tarefa, na aula de Estilística, consistirá fundamentalmente em estimular a activação de tais princípios, encorajando os alunos a tornarem-se, eles próprios, teorizadores e não meros “receptáculos” de teoria.

Porém, investir em exercícios analíticos implica uma valorização crítica do aparato cognitivo que subjaz às duas línguas em contraste (português e inglês, no nosso caso). Logo, a atitude metodológica mais adequada consistirá em preparar os alunos para (1) uma apreensão profunda do valor das estruturas linguísticas e conceptuais de determinado texto de partida e (2) uma avaliação crítica das estruturas correspondentes, no texto de chegada.

Todavia, para a consecução do percurso sugerido, *nada mais prático do que uma boa teoria*, pois é irrefutável que formular juízos sobre a equivalência ou não equivalência estilística de dois textos parece não ser tarefa exequível, se o aluno não dominar com rigor noções metalinguísticas como Estilística/Estilo/Figura e, com algum à vontade, noções gerais de fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática⁵ que lhe permitam comparar /contrastar conscientemente os dois sistemas linguísticos com que trabalha.

3. Estética e funcionalidade

Em virtude do que ficou atrás referido, torna-se crucial dismantelar a carga semântica de frivolidade que os alunos frequentemente conferem à pala-

vra estilística e aos conceitos dela subsidiários, pois, de facto, a actividade docente que temos desenvolvido, permite-nos afirmar que, para a esmagadora maioria dos nossos alunos, o objecto de estudo da Estilística, se encontra restringido ao texto literário (e, eventualmente, ao texto publicitário). É possível que esta circunscrição decorra da forma tradicionalmente redutora e restritiva como os conceitos de Estilística, Estilo e Figura são apresentados, no ensino básico e secundário. E talvez pela razão mencionada, perante os quatro fragmentos textuais abaixo transcritos, os alunos tendam a avaliar, como mais estilisticamente marcado, o primeiro:

3.1 “In the *chill hours* of the morning twilight, when all was dim around her, she awoke-not with any amazed wondering where she was or what had happened, but with the clear consciousness that she was looking into *the eyes of sorrow*”⁶.

3.2 “Some hedge-fund managers are on the *beach* because they are *so far under their high water mark* they need a *submarine*”⁷.

3.3 “The genetic molecule, DNA, is famously *curly*. In addition to its well known habit of winding itself up in a double helix, it also has twists and kinks on a larger scale, rather *like an old telephone cord*”⁸.

3.4 “I *wonder though*, if you have yet *appreciated the extent* to which *you may be missing out* on important background material and information...”⁹

Na verdade, em termos didácticos, é prática corrente estabelecer-se um contraste dicotómico entre a intenção estética e intenção utilitária/funcional dos sistemas linguísticos, razão pela qual, ao serem confrontados com textos não literários, os alunos não estarão predispostos a encontrar qualquer tipo de traço(s) estético(s) (se entendermos por traços estéticos, as marcas de figuratividade, modalização, uso de dispositivos retóricos...). Mesmo no âmbito da bibliografia de apoio à tradução, mais divulgada, trabalhos profundamente válidos, apesar de desenvolvidos nos anos 50, como a obra de Vinay & Darbelenet¹⁰, pecam por insistirem numa classificação omissa e excessivamente simplista do fenómeno de variação estilística:

	<i>Aesthetic Tonality</i>		<i>Functional Specialisation</i>			
Accepted usage	common language	poetic language literary language written language	admi	legal	scien	etc
Vernacular		ordinary language argot	jargons			

Figura 1 – Proposta de Vinay e Darbelenet.

Os autores preocupam-se apenas em opor diametralmente os usos padronizados aos vernaculares e traçar uma separação abissal entre a intenção estética e a intenção utilitária da língua. Porém, na nossa opinião, será muito pouco benéfico que o tradutor em formação assimile esta perspectiva, pois ela poderá levar à resistência de aceitação de estilos híbridos, forçando as traduções a encaixarem numa ou noutra face deste modelo dicotómico.

As práticas discursivas de hoje entrecruzam-se, não constituindo domínios autónomos, fechados sobre si mesmos, por isso, é importante que o aluno de tradução aprenda a reconhecer que, *a priori*, os textos classificados como técnicos e científicos e de intenção dita utilitária poderão ostentar marcas estilísticas que tradicionalmente não lhe são reconhecidas, nomeadamente sentidos figurativos/metafóricos, como é o caso de 3.2 e 3.3 e, não raro, uma forte predominância da função expressiva da linguagem, convocada através da dimensão retórica e argumentativa, como é o caso de 3.4. É que estética e funcionalidade não são, de modo algum, domínios incomunicáveis.

Por conseguinte, parece-nos relevante persuadir os nossos interlocutores a aceitarem que o objecto de estudo da Estilística transcende a análise interpretativa do texto literário e se deve alargar a todas as manifestações discursivas (técnicas e coloquiais). E, nesta ordem de ideias, a Estilística Comparada, enquanto disciplina de apoio à prática tradutiva, deverá incidir sobre os mecanismos cognitivos que estão por detrás das escolhas estilísticas patentes no texto de partida e no texto de chegada, seja ele de que natureza for.

Desta lógica decorre também que o Estilo não deve ser entendido como um mero *desvio*, ou uma *elaboração* idiossincrática, exclusiva de um sujeito poé-

tico. Todo e qualquer sujeito falante, enquanto sujeito conceptualizador, imprime um cunho, ou *estilo*, ao seu discurso, condicionado tanto por questões de uso (registro), como por questões inerentes à sua condição de utilizador (dimensão geográfica, temporal, social, idiolectal...). Por consequência, o aluno de tradução terá de adquirir estratégias conscientes para detectar esses traços no texto de partida e efectuar uma tomada de decisões adequada, aquando da produção do texto de chegada. Nesta linha de abordagem, o trabalho prático em aula poderá tomar formatos multivariados, mas deverá inequivocamente encorajar a formulação de opiniões sobre a adequação ou inadequação de determinada escolha tradutiva, exercitando, simultaneamente, a fluência semântica e a criatividade. Por exemplo, utilizamos fragmentos como o que a seguir se apresenta, com a respectiva tradução, solicitamos um comentário analítico sobre a equivalência estilística entre as estruturas de partida e de chegada e encorajamos a acumulação de experiências semânticas, através de formulação do maior número possível de outras escolhas estilísticas aceitáveis:

3.5 “This is evidently *not a good thing* for the banks, which now have to lend large amounts of money to...

Evidentemente que isto (1) *não é favorável* / (2) *não é bom* / (3) *é mau* aos/para os bancos, que têm neste momento de emprestar grandes quantias de dinheiro aos

...borrowers that are much less secure than blue chip companies”.¹¹

(1) *contraentes de empréstimos* / (2) *devedores* que são muito menos fiáveis do que as *empresas com títulos de primeira categoria...*”.¹²

O fragmento 3.5 possui virtualidades expressivas várias, razão pela qual o seu o tradutor (1) entendeu ser inviável a manutenção do mesmo nível de informalidade no texto de chegada, o tradutor (2) configurou uma alternativa menos formal e o tradutor (3) ignorou a modalização conferida pela partícula “not”. Idênticas são as considerações que se podem tecer relativamente às formas como o conteúdo de “borrowers” foi vazado na língua de chegada (qualquer uma das alternativas é estilisticamente adequada, não obstante o maior formalismo subjacente à primeira escolha).

Exemplos como este prestar-se-iam também a transpor o debate para o plano macro-linguístico, para reflectir sobre a variação dos padrões de aceitabilidade estilística entre os dois sistemas linguísticos em estudo (sendo que, como sabemos, o realismo, a precisão e, por vezes, o coloquialismo do estilo de escrita

anglo-saxónico, ao ser transposto para a língua portuguesa, poderá ser recebido como leviano e pouco dignificante). O mote estaria lançado para uma calorosa discussão sobre a dimensão social do estilo, numa perspectiva contrastiva.

4. Língua comum e língua técnica

Teoricamente, o texto técnico demarca-se de outras tipologias textuais, por incorporar maior número de lexemas (termos) de significado unívoco, e colocações pré-estabelecidas, decorrentes da normalização desses termos. No entanto, do ponto de vista da organização do léxico mental do tradutor, será útil explorar, em aula, casos em que a língua técnica e a língua comum comunicam entre si. E, de facto, se as fronteiras entre os subsistemas lexicais da linguagem geral e os subsistemas da linguagem específica/técnica são um tanto ou quanto indistintas, explorar as correlações semânticas entre o significado comum e o significado técnico poderá contribuir para um armazenamento associativo e não compartimentado do léxico, logo mais económico, do ponto de vista da memória semântica:

4.1 “...that forge strong *bonds* between the bank and the client...”¹³
...que estabelecem *laços* fortes entre o banco e o cliente...

4.2 “Most *bonds* are bearer certificates ...”¹⁴
A maior parte das *obrigações* são certificados ao portador...

Os dois exemplos em análise permitem reflectir sobre o processo de extensão metafórica que une a língua comum à língua técnica: o lexema *bond* faz parte do vocabulário geral do inglês, significando prototipicamente *laço, elo, vínculo*, no entanto, num contexto económico/bolsista, o mesmo lexema assume um significado técnico (título de crédito que representa a fracção de um empréstimo a juros). No caso em foco, houve, por conseguinte, atributos que foram transferidos do *sentido1* para o *sentido2* e o aluno deverá fazer uso de processos heurísticos para os encontrar (o valor protípico, um vínculo afectivo interpessoal, é transposto para o domínio técnico). No plano semântico, poderá ser útil estimular a reflexão sobre a estrutura interna de itens lexicais com este tipo de polivalência significativa, sendo inúmeros os exemplos passíveis de serem explorados numa perspectiva intra e interlinguística: *maturity, liquid, benefit, principal, pool...* qualquer um destes itens lexicais é usado simultaneamente na língua comum e na língua técnica (económica) .

Ainda no domínio da temática língua técnica vs língua comum, há outras direcções que a análise estilística poderá tomar: para o tradutor de língua portuguesa, os tecnolectos, com particular relevância para o tecnolecto informático, são um problema que pode e deve ser levado à discussão em aula. Neste domínio, a tecnicidade e o coloquialismo estão fortemente entrosados, porque a realidade virtual apropriou-se abruptamente do *modus vivendi* dos países desenvolvidos, mutação essa que o léxico português ainda não acomodou. Em fragmentos como os que a seguir transcrevemos perguntar-se-á se estamos perante linguagem técnica ou linguagem comum. Porém, reflectir sobre esta questão poderá ser uma tarefa menor, quando a tradução destas frases, longe de ser um exercício mecânico, constitui um desafio à criatividade do tradutor e à flexibilidade das regras morfológicas e semânticas da nossa língua:

4.3 “The *e-life* quiz can help you answer those questions.”¹⁵

O inquérito sobre (1) *a vida electrónica* / (2) *a vida na internet* / (3) *a vida virtual* poderá ajudá-lo a encontrar resposta para essas questões.

4.4 “Amazon quickly became the No.1 *online* retailer in both countries...”

A Amazon tornou-se logo o primeiro retalhista (1) *‘online’* / (2) *virtual* / (3) *da internet* (4) *em linha* em ambos os países.

4.5 “Miss Boo advised *cybershoppers* on their choices”¹⁶

Miss Boo aconselhou os (1) *cibercompradores* / (2) *compradores virtuais* / (3) *compradores da (inter)net* nas suas opções.

Se adoptarmos uma atitude analítica perante as traduções propostas, sentiremos que o tradutor poderá ter um papel determinante na fixação de uma escolha lexical em detrimento de outra. Em 4.4, por exemplo, o recurso ao empréstimo não é obrigatório, é antes uma escolha estilística, já que não existe propriamente uma lacuna na língua de chegada; poderão existir modos preferenciais de nomeação.

Muitas outras questões se colocam, nomeadamente: Poderá a abreviação “e” (de *electronic*) vir a tornar-se um prefixo de derivação? e o “prefixo” *ciber* (abreviação de *cibernética*, ciência que estuda as comunicações e o sistema de controlo dos organismos vivos e das máquinas), poderá ser adicionado sem escrúpulos a qualquer lexema do português?

Em suma, ainda que os usos ditos técnicos da linguagem representem, indiscutivelmente, um modo particular de categorizar a realidade, isso não significa que, para o tradutor, não constituam espaço para o exercício da criação.

5. Figuras e cognição

Deixámos para penúltimo plano um dos âmbitos tradicionalmente mais privilegiados pela análise estilística: o estudo das designadas *figuras de estilo*, ou *ornamentos do discurso*. Neste domínio (e em consonância com algumas reflexões adiantadas na secção 4.), parece-nos que, mais do que insistir na classificação tradicional (figuras fónicas, sintácticas, semânticas e lógicas) dos referidos ornamentos, será de utilidade maior despertar o aluno de tradução para a mais premente função do uso figurativo na linguagem humana: categorizar todo o tipo de conhecimento não directamente intuível, a partir do mundo sensorio. É evidente que, tal como Corbett refere, o papel ornamental das figuras não poderá jamais ser negado. Todavia, o erro, em termos pedagógicos, reside em insistir na primazia de tal função:

... it is fair enough to regard figures of speech as the “graces of language”, as the “dressing of the thought”, as the “embellishments” for they do “decorate” our prose and give it “style” in the couturier’s sense. But it would be a mistake to regard embellishment as the chief or sole function of figures.¹⁷

Será então frutuoso fazer algumas incursões em estudos recentes no âmbito da temática linguagem e pensamento figurativo, explorando as potencialidades de aplicação desses contributos teóricos à prática tradutiva. E, no âmbito desta temática, é inevitável referir a teoria da metáfora, desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980, 87).

A nosso ver, os referidos autores deverão integrar o leque bibliográfico dos cursos de tradução, já que as suas propostas teóricas constituem uma base sólida para um promissor trabalho estilístico. E um dos exercícios teórico-práticos a efectuar poderá consistir na interpretação de modelos metafóricos e metonímicos (ICMs) de textos não-literários em português e inglês. Eis alguns exemplos:

5.1 He is *black-hearted*.

Ele é *malvado*.

5.2 He was beaten *black and blue*.

Moeram-no de pancada.

5.3 I've got *green memories* about New York city.

Tenho *recordações recentes* de Nova Iorque.

5.4 I told her a *white lie*.¹⁸

Contei-lhe uma *mentira inofensiva*.

Verificamos que o léxico de cor é, como aliás comprovam as investigações etnosemânticas, um domínio privilegiado para discutir o não iso-morfismo lexical entre o sistema linguístico do português e do inglês. Mas que mecanismo autoriza a extensão semântica dos valores prototípicos da cor a dos domínios de experiência abstracta? A metáfora, i.e., um modelo cognitivo idealizado, que emerge como dispositivo conceptual complexo, onde se intersectam dois espaços mentais, havendo uma transferência (assimétrica) de atributos (mapeamento), de um domínio para outro. As construções analógicas patentes nos exemplos supra-transcritos são um fenómeno culturalmente específico e, por isso, inevitavelmente um problema de tradução: a equivalência estilística é inviável em qualquer um dos exemplos supra-referidos. Como podemos constatar, as traduções possíveis despojaram os enunciados da força expressiva.

Situações similares a esta ocorreriam no sentido inverso, se tentássemos, a título exemplificativo, transpor para inglês o valor metafórico das expressões: “onda rosa”, ou “onda laranja”, as quais são motivadas por uma lógica metonímica e metafórica, decorrente do panorama político nacional. Em suma, a relação que cada uma das línguas de trabalho do tradutor estabelece entre domínios de experiência concreta e domínios de experiência abstracta é matéria de crucial relevância para que o aluno possa efectuar uma leitura crítica (estilística), além da superfície textual.

6. Heterogeneidade na(s) língua(s) e no(s) discurso(s)

Por último, o papel comunicativo-interactivo da linguagem é, inevitavelmente, um factor de heterogeneidade que aluno de tradução tem forçosamente de saber ‘ver’ e interpretar. Para além de figurativas e polissémicas, as práticas discursivas são muitas vezes polifónicas e modalizantes (conjugam várias vozes que se fazem ouvir). Numa perspectiva interlinguística, a tomada consciente de decisões de tradução pressupõe saber moldar qualquer tipo de texto (um

manual de instruções, um relatório técnico, um folheto publicitário, um artigo científico, um livro escolar) ao contexto situacional e cultural da língua de chegada. Para este fim, os docentes poderão, em aula, investir na activação de *frames*, isto é, de cenas de acção linguística, que possam reconstituir o que estava na mente de quem produziu determinado enunciado.

Conclusão

Qual será, em síntese, o lugar da Estilística num quadro de estudos de Tradução Especializada? Esta disciplina deverá, por um lado, incorporar o estudo da dimensão interactiva e dialógica do discurso, aproximando-se da corrente Pragmática (e adaptando, por exemplo, propostas da Análise do Discurso e da Análise Conversacional), porque deste modo activará o “estado de alerta” do tradutor, contribuindo para uma maior consciencialização da dimensão interactiva e argumentativa dos textos com que trabalha. Mas deverá, sobretudo, absorver e aplicar as premissas centrais da Semântica Cognitiva, reconhecendo a necessidade de estudar, contrastivamente, o aparato cognitivo que enforma os sistemas linguísticos de trabalho.

Esperamos ter demonstrado que as fronteiras entre a linguagem literária, a linguagem quotidiana e a linguagem da ciência e da tecnologia são mais esbatidas do que à primeira vista possa parecer. Do mesmo modo, o campo de investigação dos estudos estilísticos deverá tornar-se mais fluído e flexível, alargando o seu objecto de estudo a todas as práticas discursivas.

Quanto aos nossos alunos, devemos encorajá-los a exercitarem uma atitude crítica e avaliativa face, não só à análise interlinguística de fragmentos textuais, mas também às suas próprias ideias, promovendo o desenvolvimento de uma atitude auto-crítica. O caminho para alcançar este objectivo passa inevitavelmente por:

- (1) estimular a fluência semântica, o pensamento divergente (capacidade de propor e problematizar alternativas tradutivas várias).
- (2) desenvolver a capacidade de reconhecimento das semelhanças e diferenças na representação metafórica do mundo, nas duas línguas de trabalho, a fim de que essa consciencialização possa influenciar o processo de tomada de decisões, aquando da prática tradutiva.

(3) treinar a aptidão para abstrair o significado das formas linguísticas, através do recurso a metodologias cognitivas, como, por exemplo, a noção de protótipo, de categoria radial, de ICM.

Evidentemente que ser bem sucedido na tarefa de contribuir para um aprofundamento da competência tradutiva, no âmbito da criatividade, é um objectivo muito ambicioso; mas, se conseguirmos, pelo menos, levar os nossos futuros tradutores a adquirirem estratégias cognitivas que minimizem, no desempenho da sua actividade, o risco de efectuarem transcodificações levianas, já estaremos a dar um contributo válido para a construção de um perfil de competência.

¹ Expressão tomada de Mário Vilela, *Léxico e Gramática*, Coimbra: Almedina, 1995, p.39.

² O ramo de Tradução Especializada do Curso de Línguas e Secretariado é composto por quatro semestres, sendo a Tradução o 'pivot' dos dois primeiros e a Interpretação o cerne do terceiro. O quarto semestre é dedicado a seminários e à redacção de um projecto profissional, que deverá consistir na tradução comentada de um texto técnico, científico ou literário, ou eventualmente na preparação de um glossário técnico subordinado a áreas de interesse do próprio aluno, que poderão e deverão reflectir a realidade profissional em que este se insere.

³ A rigor, deveríamos falar em oito disciplinas, uma vez que cada uma das traduções supra-referidas é leccionada nas duas línguas que o aluno escolheu como domínio de especialização. As combinatórias possíveis são Inglês / Alemão, Francês/ Inglês, ou Francês/ Alemão.

⁴ As disciplinas de Literatura, Linguística e Estilística Comparada são também leccionadas nas duas línguas de especialização do aluno.

⁵ Noções essas que evidentemente o aluno já domina de um modo geral, quer através das disciplinas de Linguística Portuguesa e Estilística Portuguesa (terceiro ano do curso de bacharelato em Línguas e Secretariado, quer através da disciplina de Linguística (leccionada nas duas línguas de especialidade), no primeiro semestre do primeiro ano da licenciatura.

⁶ George Eliot, *Middlemarch*, Hertfordshire, Wordsworth Classics, p. 735.

⁷ Revista *Newsweek*: July 17, 2000.

⁸ Revista *The Economist*, October 3, 1998.

⁹ Correspondência *Newsweek*, 2000.

¹⁰ Jean-Paul Vinay e Jean Darbelenet, *Comparative Stylistics of French and English. A Methodology for Translation*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996, p.18.

¹¹Ian Mackenzie, *English for Business Studies. A course for Business Studies and Economics students*, Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 82

¹²As traduções que apresentamos, neste artigo, resultam de algumas propostas discutidas com os alunos da variante de Francês/ Inglês, no ano lectivo de 1999/2000.

¹³ Revista *The Economist*, August 15th, 1998.

¹⁴ Ian Mackenzie, *English for Business Studies. A course for Business Studies and Economics students*, p. 82.

¹⁵ Revista *Newsweek*, July 29, 2000.

¹⁶ Revista *Newsweek*, July 17, 2000.

¹⁷Edward P.J. Corbett, *Classical Rhetoric for the Modern Student*, Oxford, Oxford: University Press, 1990, p.424.

¹⁸ Exemplos coligidos pelos alunos de Francês/Inglês em dicionários monolíngues, no ano lectivo de 1999/2000.

BIBLIOGRAFIA

CORBETT, Edward P. J., *Classical Rhetoric for the Modern Student* Oxford, Oxford University Press, 1990.

FERNANDES, Joana, “A Contribution to the Study of Conventional Metaphor in Economy and Management Language: ‘Liquid Metaphors’ and ‘Scale schemas’”, in Bocanegra Valle et al. (eds.), *Enfoques teóricos y prácticos de las lenguas aplicadas a las ciencias y a las tecnologías*, Salamanca, 1999, pp. 212-218.

GIBBS, Raymond, “Figurative thought and figurative language”, in A. Morton (ed.) *Handbook of Psycholinguistics*, San Diego, Academic Press, 1994, pp. 441-475.

KUSSMAUL, Paul, *Training the Translator*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 1995.

LAKOFF, Georges & JOHNSON, Mark, *Metaphors We Live By*, Chicago, Chicago University Press, 1980.

———, *Women, Fire and Dangerous Things, What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, Chicago University Press, 1987.

MACKENZIE, Ian, *English for Business Studies, A course for Business Studies and Economics students*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

TURNER, Mark, *Death is the Mother of Beauty: Mind Metaphor and Criticism*, Chicago, Chicago University Press, 1987.

VILELA, Mário, *Léxico e Gramática*, Coimbra, Almedina, 1995.

———, “Multiculturalidade, Tradução e Ensino de uma Língua Estrangeira”, *VI Jornadas de Tradução: Tradução, Discursos e Saberes*, Porto, Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes, 1987, pp. 59-70.

VINAY, Jean-Paul & DARBELNET, Jean, *Comparative Stylistics of French and English. A Methodology for Translation*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 1987.

WERBER, Jean Jackes, *The Stylistics Reader. From Roman Jakobson to the Present*, London, Arnold, 1996.